

## PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

## 'Berlin calling'

Uma cantora brasileira nascida em São Paulo e criada em Colônia está conquistando os corações dos alemães. Dominique Dillon de Byington, de 23 anos, conhecida apenas por Dillon, é uma menina de sorte e sobretudo talentosa. Autodidata, nunca estudou música ou aprendeu a tocar instrumentos. Aos 18 anos, “para fugir da solidão”, como ela mesma declarou, começou a tocar piano, e compôs as suas primeiras canções. Foi nessa época também que Dillon começou a fazer seus próprios vídeos e a publicá-los no YouTube. Com os milhares de cliques e elogios, não demorou a gravar o primeiro single pelo selo Kitty-Yo. Em seguida, saíram dois outros singles: “Aiming for destruction” e “Ludwig”. Em 2010 veio o convite para sair em turnê pela Alemanha, abrindo o show “Schall und wahn” da banda Tocotronic, de Hamburgo. Com o vento soprando a seu favor, Dillon decide então se mudar para Berlim, cidade pela qual se apaixonou ao visitar pela primeira vez em companhia da mãe aos 11 anos.

Dillon chegou a Berlim em 2007. Quatro anos mais tarde, após muitos shows e publicações virtuais, a gravadora BPitch Control lançou em novembro do ano passado o seu álbum de estreia, “The silence kills”, um disco pop com batidas eletrônicas.

As letras de Dillon falam de temas abstratos e de experiências pessoais: são escovas de dente deixadas para trás, robôs que procuram cristais roubados por piratas, pernas que viram espagete e histórias de amor. Na faixa “You are my winter”, ela faz uma colagem de detalhes da arquitetura da cidade: varandas, coberturas, apartamentos, parques, estações de trem, cabines automáticas de fotografias...

“A criação de uma música quase nunca leva mais do que 20 minutos”, comenta Dillon. Todas as 12 faixas de “The silence kills” são escritas e interpretadas em inglês. “É música para meditar e contemplar. Sua voz fala com a alma. Tem momentos no disco que fazem a sua garganta fechar”, elogia Mike Diver, da BBC. A menina dos olhos de kajak, sempre pintados de preto e vestida de preto, como aparece na capa do disco, lançado em CD e vinil, vai mesmo dar o que falar. Ou melhor, já caiu nas graças do público e da mídia.

Ela está em evidência em revistas, jornais, blogs, na Alemanha e na Europa. “Nada mudou fora de proporção na minha vida”, disse Dillon em entrevista ao blog Les Berlinettes no camarim do clube About-Blank, em Berlim, onde fez dois shows em dezembro. “As pessoas vêm aos concertos curiosas e interessadas em ouvir o que estamos fazendo”, conta a cantora, que está em turnê até fim de março promovendo o novo disco na Europa.

Devido ao sucesso dos shows em Berlim, ela volta a se apresentar na capital em fevereiro, no teatro HAU 1. Mesmo tendo pouco contato com a terra natal, e declarando sentir uma certa confusão de identidade, Dillon disse em entrevista ao portal UOL Brasil que gosta de Caetano Veloso e de Elis Regina, e também que tem vontade de tocar no Brasil. Aliás, há diversos vídeos no YouTube registrando a sua passagem por um estúdio em São Paulo, o Studio 8.

“The silence kills” foi lançado por uma gravadora focada em tecno e eletrônica, porém pelo menos três lançamentos recentes do selo, os discos de Dillon, We Love e Aérea Negrot, não são exatamente mú-

sica para as pistas de dança. Criado em 1999, o BPitch Control da DJ e produtora Ellen Allien tem um catálogo de respeito na cena eletrônica. Nomes como Modeselektor, Sascha Funke e Paul Kalkbrenner compõem a constelação das estrelas da casa. Kalkbrenner está ligado a BPitch desde o início, é uma celebridade no país e atrai multidões em suas turnês. Em 2008, estrelou “Berlin calling”, de Hannes Stöhr, um filme de ficção baseado em sua biografia, no qual Ellen Allien também inspira uma personagem. A trilha do filme saiu pelo selo BPitch Control.

Conhecida como a primeira-dama do tecno alemão, Ellen Fraatz surgiu na cena berlinense no início dos anos 1990 após retornar de uma temporada em Londres. Ao voltar, começou a tocar nos principais clubes da cidade e logo se tornou DJ residente dos legendários Bunker, E-Werk e Tresor, clubes que surgiram com a queda do muro, em bairros da antiga Berlim Oriental. Ellen Allien não tem dificuldade em acumular funções. Ela cuida da gravadora e

viaja pelo mundo fazendo música. Em breve, estará se apresentando no Brasil, em Florianópolis, dia 21 de janeiro, no Festival Creamfields, ao lado de Fatboy Slim, Paul Van Dyk, Tiefschwarz, Reboot, Layo & Bushwacka, Nervo e Jamie Jones.

Selos independentes e gravadoras *cult* vêm influenciando a história da música ao longo de muitas décadas. É o caso das legendárias grifes sonoras Deutsche Grammophon, Verve, Impulse, Blue Note, CTI, MPS, Island, Atlantic, Virgin... essas e muitas outras são responsáveis por lançamentos clássicos, de discos e de artistas que se tornam referência mundial. Das independentes, as alemãs ECM e Bear Family (esta especializada em relançamentos de catálogos antigos) e a brasileira Dubas se destacam com lançamentos que trazem o selo de controle de alta qualidade e sofisticação. O CD “Rio”, de Keith Jarrett, homenageando a Cidade Maravilhosa (ECM), e “Liebe paradiso”, de Ronaldo Bastos e Celso Fonseca (Dubas), homenageando Berlim, onde boa parte do conceito do disco foi elaborado, são bons exemplos de projetos lançados em 2011, que entrarão para a história dos discos clássicos, atemporais e sofisticados. Viva a boa música, produtores e executivos de gravadoras — pequenas ou grandes — que ainda apostam na qualidade.

As letras de Dillon falam de temas abstratos e de experiências pessoais